

Trabalhar e Concretizar

“Trabalhar é concretizar”. Não sei quem me brindou com essa frase, mas faz sentido. Para justificá-la, cabe uma breve digressão.

Sou católico e um dentre centenas de fiéis que se dirigem à Catedral Metropolitana, menos pela santidade do que pelo pecado: é ali o lugar mais acessível da nossa Campinas para se conseguir uma confissão, sacramento agridoce àqueles que, como eu, tanto adoram o pecado quanto se refugiam na contrição. “A hipocrisia é o tributo que o vício paga à virtude”, já sei. Enfim, certo dia, tendo eu atrasado um pouco mais do que o habitual, foi o Padre obrigado a interromper seus atendimentos:

- “Meus irmãos, preciso celebrar a missa.” – disse-nos, a mim e aos pecadores da fila. “Logo depois, volto aqui.”

Como era mister confissão para bem participar de qualquer missa, lembrei-me de que a Basílica do Carmo era tão misericordiosa quanto a Catedral e, o melhor de tudo, estava há poucos passos. Dirigindo-me para lá, margeando o Largo do Rosário, o encontro que tive com o perdão foi um tanto inusitado. Na caminhada, avistei de longe dois homens, arriscaria dizer que em situação de rua, sentados na calçada e discutindo acerca de qualquer coisa inofensiva – daquelas que, mais dia menos dia, entrarão na contabilidade do “Tribunal das Minúsculas Causas”, das quais nos arreponderemos. No momento em que passei por ambos, um deles, dirigindo-se a seu interlocutor, aplicou o golpe mais desconcertante e ofensivo a qualquer sentimento de superioridade que o outro eventualmente nutrisse; daqueles que, ao recebermos, sabemos já não mais ser possível prosseguir com a discussão nos mesmos termos de antes:

- “Cara, ‘cê’ tá certo. Me desculpa?”

A camaradagem – e, digo mais, o amor – tem dessas: um inusual arroubo de expansão fraterna, genuína e desprendida de soberba, resolve qualquer contenda. Eu havia guardado esse episódio comigo para reflexões acerca da natureza do perdão, confesso, mas me parece que é chegado o momento de me debruçar sobre essa difícil dinâmica de passagem do impulso para o ato. Como

concretizar? Como efetivar nossas intenções no mundo, transformando-as em ação?

Difícil, certo? Nem tanto. Vi-me pensando, diante daquela cena, que audácia e propósito parecem ser mais do que suficientes. O último é imprescindível, porque não se leva a bom porto um navio sem plano de navegação; a primeira é força vital, o ímpeto resgatável a qualquer instante, bastando a força de um querer reto e digno. O “me desculpa” emitido pelo nosso amigo acima é audacioso até não poder mais, porque poderia ser respondido com uma boa gargalhada de desdém sádico de um destinatário, que se pretendesse superior; o propósito de reconciliação da atitude é inegável e com isso, naquele dia, Campinas ganhou uma amizade restaurada.

Pode-se dizer que isso também é assim a nível institucional. Ora, não tão longe daquele Largo, vê-se a Barão de Jaguará, onde está a conhecida sede do Tribunal Regional da 15ª Região – “TRT-15” para os juristas de formação, mas “Fórum” para os menos técnicos. Ali, na casa dos direitos dos trabalhadores, o norte da ação é humanitário: alia-se, a um só tempo, a audácia de insurgir-se contra o injusto com o propósito da luta pelos Direitos Sociais dos trabalhadores, a quem a Constituição legou espaço não menos relevante que seu artigo 7º.

Pensando bem, é a isso que a frase do começo e o episódio do pedido de perdão se referem. À realidade de que trabalhar e concretizar – agir, no fundo – se entrelaçam. Naquela disputa dos senhores da rua, de nada adiantaria a intenção sem o pedido, a súplica sem o “coração na mão” estendido para o próximo. Na luta pelos direitos, de pouco valeria a atuação judicante que, compondo o conflito, não se lastreasse nos ideais de justiça e, pior de tudo, não restituísse a coisa justa a quem de direito. Do mesmo modo, de nada vale grande porção daquilo que chamamos materialmente de trabalho, mas que nos parece mais como um conjunto de inutilidades quando não o fazemos com um propósito e, claro, com audácia. Trabalhar sem propósito é não concretizar nossos intentos, nossas aspirações mais íntimas; trabalhar sem audácia é não pôr “fogo”, força e peso no que fazemos. É, a bem saber, não trabalhar.

Quem dera sempre “concretizássemos” tudo aquilo que de bom nos propusemos a fazer. Bem, alguns de nós não nos perdemos nesse mar. Prova disso são as duas histórias que aqui contei.

Temos o orgulho de ter um povo que pede perdão e que ousa, num mundo que valoriza unicamente a força (ou a aparência dela), ser contrito, num ato de humildade. Temos o orgulho de ter também, já há 40 anos, um Tribunal só para nós (aliás, o único que está no interior de qualquer Estado deste País), visando a busca de nossos direitos. É, de fato, concretização de um propósito não pouco audacioso. Que continue assim.

Feliz 40 anos, TRT-15!

Vinícius Gonçalves da Silva Napoli de Lima

Advogado